

## Experiências de pesquisa com mulheres trabalhadoras rurais: notas de um diário de campo

### I- Introdução

Este texto é fruto de algumas reflexões metodológicas relacionadas às técnicas de pesquisa empírica - especialmente histórias de vida - utilizadas na implementação do projeto de pesquisa "Mulheres Bóias-Frias: Natureza ou Anomalia? - presença/ausência feminina nas formas de luta e participação política dos trabalhadores rurais em São Paulo". Tal pesquisa foi desenvolvida no período de um ano (1988/89) sob coordenação da Profª Drª Maria Aparecida de Moraes Silva, com o apoio da Fundação Carlos Chagas, tendo como preocupação fundamental captar as relações de gênero e de classe nas cidades de Barrinha, Guariba, Dobrada e Santa Ernestina, região de Ribeirão Preto.

Entendendo que para captar as relações de gênero e relações de classe, e compreender a presença/ausência da mulher trabalhadora rural nas formas e práticas de luta no conjunto da categoria dos trabalhadores rurais desta região (chamados

pejorativamente de bóias-frias), tornou-se necessário dar conta da realidade na qual esta categoria se insere. De tal modo, nossa postura teórico-metodológica vem de encontro à Lefebvre (Lefebvre, 1961), que critica a noção de totalidade como algo dado, reintroduzindo a noção de totalização enquanto algo dinâmico, absorvedor das práticas humanas. Também nos pautamos no autor para abordar a noção de realidade, que não aparece como dada, acabada e pronta. Ela supõe o "possível" e, deste modo, aparece dialetizada, tal como a noção de totalidade. Tais questões conceituais são apresentadas aqui, contudo, de forma bastante pontual, pois, de outro modo, fugiria dos propósitos deste texto. São, desta forma, utilizadas como aporte teórico para a compreensão do contexto social investigado.

Articulando este universo da pesquisa com o trabalho empírico realizado, foram elaboradas as reflexões aqui presentes como uma contribuição para a área de estudos sobre relações de gênero em seus aspectos metodológicos, através de um relato sobre os bastidores da pesquisa com especial ênfase nas histórias de vida enquanto técnica de investigação social.

## II- O Universo Empírico

A região de Ribeirão Preto, no interior do Estado de São Paulo, é de extrema relevância como universo de investigação sociológica, sendo denominada, pelo seu alto grau de desenvolvimento agroindustrial, como "Califórnia Brasileira". Por sua vez, as cidades selecionadas para o trabalho empírico traduzem e refletem, de maneira exemplar, toda a complexidade e ambigüidade que compõem a totalidade da realidade social investigada, e que se expressa na existência das "cidades dormitórios".<sup>1</sup>

Deste modo, chama a atenção de forma contundente o fato de que existe de um lado um "mar de cana", uma agricultura rica e extremamente capitalizada, de outro, existe um "mar de miséria", que se traduz na precariedade em que vivem os trabalhadores rurais assalariados nessas cidades, onde o poder público, muitas vezes ligado aos usineiros, deixa muito a desejar, principalmente, em

---

<sup>1</sup> . Assim chamadas pelo fato da maioria da população (PEA) ser constituída de trabalhadores rurais, que se empregam nas usinas e fazendas da região, passando o dia todo no campo, voltando para as cidades somente no final da tarde/início da noite para dormirem. Moraes Silva contesta esta denominação porque ela esconde as "relações multidimensionais" que subjazem nessas cidades (Moraes Silva, 1993).

questões relacionadas à infra-estrutura, saneamento básico, habitação e saúde, agravando ainda mais a situação de pobreza e exploração desses sujeitos sociais.

É necessário ressaltar que a diferenciação dessas cidades entre si também ocorre ao nível da organização política destes trabalhadores, passando, principalmente, pela postura e atuação dos sindicatos de trabalhadores rurais ou dos sindicatos de empregados assalariados rurais. Com a criação da FERAESP (Nova Federação dos Assalariados Rurais), e também a partir da atuação dos agentes da Igreja (CPT e Pastoral dos Migrantes), FASE-Jaboticabal, dos partidos políticos, centrais sindicais etc., os quais, de formas diferenciadas atuam nas várias cidades, evidencia-se, a diversidade das maneiras e propósitos utilizados no sentido de organizar os trabalhadores e dar-lhes o apoio necessário no enfrentamento à organização patronal dos empresários rurais<sup>2</sup>.

Uma outra diferenciação também ocorre em virtude das greves de Guariba, nos anos de 1984 e 1985, onde os trabalhadores rurais desta cidade ficaram bastante marcados, especialmente pela violência com que foram tratados e pela discriminação que sofreram

---

<sup>2</sup> *A FERAESP nasceu de um rompimento em 1989 de grupos dirigentes dentro da FETAESP (Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado de São Paulo).*

durante alguns anos como "trabalhadores grevistas" que "criam problemas" etc., dificultando-lhes assim, entre outras coisas, o acesso ao trabalho. Nesse sentido, tornaram-se desconfiados e temerosos em darem entrevistas ou falarem abertamente com "estranhos", na medida em que foram, por demais, prejudicados por repórteres que, na época das greves, enviesaram os fatos e os publicaram em manchetes. Logo, o medo de perder o emprego ou não conseguir se empregar na próxima safra torna-se muito grande, funcionando até mesmo como obstáculo na relação destes trabalhadores com os pesquisadores que com eles interagem. Este fato, entre outros, foi detectado em nossa entrada em campo e no envolvimento com as mulheres trabalhadoras rurais - sujeitos da nossa investigação social.

### III- A Entrada em Campo

Conforme exposto até aqui, uma das dificuldades iniciais de nossa entrada em campo, foi no sentido de nos tornarmos confiáveis, de demonstrarmos não ter nenhum vínculo com os usineiros ou quaisquer outras pessoas ou órgãos/entidades que pudessem prejudicá-los. Enquanto elementos participantes do processo de

interação da pesquisa com os pesquisadores, foi trabalhada com cuidado a postura de pesquisadoras e nossa conduta nesse processo, procurando também dar conta das dificuldades e interferências decorrentes de nossa inserção na "esfera do outro". Tais interferências eram percebidas, especialmente, em relação às representações que os sujeitos investigados faziam das pesquisadoras enquanto vinculadas a uma instituição "abstrata", até mesmo "metafísica", que é a Universidade em seu distanciamento espacial e contextual da realidade destes sujeitos.

Em meio a estas questões, houve também empecilhos burocráticos dos trâmites acadêmicos no que se refere à efetivação da pesquisa de campo, junto às dificuldades de entendimento dos objetivos da pesquisa por parte dos sujeitos pesquisados, que em todo momento nos questionavam sobre a importância e validade da pesquisa no que lhes diz respeito mais diretamente. Deste modo, várias reações foram observadas, refletindo a vulnerabilidade do papel do pesquisador para a representação dos pesquisados. Assim, a credibilidade dos dados obtidos foi sempre ponderada e redimensionada no decorrer da pesquisa de campo, devido às reações oscilantes dos pesquisados quanto às situações apresentadas, já que reações negativas e positivas se mesclavam, ora

enquanto reflexo do medo ou constrangimento, ora enquanto reflexo de uma interpretação equivocada de nosso papel em tais situações.

Se por um lado, sermos confundidas em momentos específicos, com repórteres, causou-nos empecilhos, em outros momentos, possibilitou-nos uma abertura, na medida em que um repórter pode ser um canal de divulgação para a sociedade daqueles aspectos que os trabalhadores rurais dessas cidades preservam e valorizam, aspectos estes relacionados basicamente à sua cultura, como a realização de festas tradicionais ou comemorações religiosas. Um bom exemplo, nesse sentido, é a Folia de Reis que acontece todos os anos em Barrinha, organizada por eles próprios.

Também uma certa confusão acerca de um imaginado poder de decisão política de nossa parte trouxe expectativas e envolvimento bastante contraditórios. Estes vieses, sempre presentes em tais processos de pesquisa, devem ser considerados como elementos a ser ponderados na tentativa de relativizar os dados obtidos e compreender a realidade investigada. O fundamental, entretanto, é perceber que somos sempre confundidas: assistentes sociais, agentes do governo, repórteres, "espiãs" etc. Nunca ninguém acena com a possibilidade de sermos tão-somente pesquisadoras, fato que, em última instância, demonstra um

desconhecimento generalizado de significativa parcela da população sobre a realização de pesquisas nas ciências sociais, e particularmente, sobre seus procedimentos metodológicos.

Neste quadro de representações enviesadas ou não, visamos elaborar essencialmente um instrumental de pesquisa que nos possibilitasse compreender, da forma mais fidedigna possível, esta complexidade do real nas várias formas em que este se apresenta, buscando interagir com os sujeitos pesquisados no contexto no qual se inserem. Esta inter-relação deu-se através de um envolvimento com os sujeitos, buscando colocarmo-nos em uma posição de "desconhecedoras" de uma realidade que nos incitava conhecer. Tal procedimento não se pautava numa compreensão das pesquisadoras enquanto "tábua rasa" (já que somos um polo socialmente determinado) e sim, numa postura metodológica de relacionamento com o outro. Junto a isto, a postura consciente de sermos vistas como "diferentes" em nossa inserção no universo empírico, permitiu um considerável acréscimo, quando as diferenças serviram para valorizar as experiências do outro - aquele saber vivido que não detemos porque faz parte do outro e não de nós.

Privilegiando, assim, o universo das mulheres trabalhadoras rurais e utilizando técnicas de pesquisa como entrevistas, observação



direta do espaço social, conversas informais com os sujeitos componentes da vida destas mulheres, atuamos com participação discreta e atenta à confiança, tantas vezes depositada pelas mulheres investigadas como sujeitos do universo da pesquisa. Tal procedimento propiciou a elaboração de um quadro de análise sobre nossa conduta e posicionamento enquanto pesquisadoras. Através de discussões e contatos-chave referentes à realidade estudada, foi sendo tecido um quadro prévio de compreensão desta, o que facilitou tanto nas reflexões teóricas quanto nos contatos diretos com os sujeitos.

As técnicas de pesquisa utilizadas formaram uma conjugação de experiências, combinando instrumentos empíricos e percepções subjetivas para a compreensão das questões propostas pelo projeto de pesquisa, já apresentados anteriormente. Para tanto, o equacionamento de tais técnicas, bem como o material coletado e as observações e interpretações realizadas, passaram por um processo de reflexão constante, através da interação entre os pesquisadores e a coordenadora da pesquisa.

Assim, através das discussões, dimensionamento da realidade empírica e teorias desenvolvidas a respeito, novas questões foram recolocadas acerca também das metodologias de pesquisa em

ciências sociais, bem como das técnicas utilizadas e seus resultados. Privilegiamos, desta forma, o aspecto qualitativo da pesquisa, atentando para entrevistas que permitissem um aprofundamento de dados e referências pessoais, buscando identificações e diferenciações na categoria de mulheres trabalhadoras por nós entrevistadas.

Estas reflexões e práticas, cabe salientar, estão articuladas a uma linha de discussão metodológica feminista, que questiona os preceitos clássicos da Sociologia sobre a distância entrevistador-entrevistado, bem como da própria inserção do pesquisador no universo da pesquisa. Esta linha encaminhou o processo de investigação social aqui esboçado.

#### IV- A História de Vida como Técnica de Pesquisa

Conforme foi explicitado anteriormente, nesta pesquisa a história de vida foi privilegiada como técnica que melhor nos possibilitou captar a realidade, apresentando-se como um instrumento satisfatório de apreensão do real em vários de seus aspectos.

É fundamental ressaltar que, segundo Roger Bastide, pesquisadores que se utilizam da história de vida, enquanto técnica, diferem quanto aos seus objetivos e às finalidades de sua aplicação. Maria Isaura Pereira de Queiroz, por exemplo, chama-nos a atenção para o fato de que fazer uma história de vida não é simplesmente chegar à uma pessoa e pedir-lhe que nos conte sua vida. Existem dificuldades que vão desde o preparo do pesquisador até a escolha do informante. Destaca ainda, que o pesquisador deve ter um conhecimento prévio da realidade que pretende trabalhar e um preparo teórico que dê conta deste contexto. A história de vida não se traduz simplesmente num relato cronológico de acontecimentos, opiniões e atitudes do informante. Por outro lado, a conquista da confiança do pesquisado em relação ao pesquisador precisa ser considerada, e o local da entrevista ser apropriado, o que Queiroz chama de "condições ótimas" para a obtenção de uma boa história de vida, ressaltando por fim, a importância fundamental do depoimento livre do informante.

É essencial salientar o fato de que, para uma pesquisa atingir satisfatoriamente seus propósitos, não se deve contentar com uma única história de vida, mesmo levando-se em consideração ter eleito um indivíduo bastante representativo para o contexto estudado.

Nesse sentido, é relevante que se façam várias histórias de vida para que o pesquisador possa deduzir deste material, além de fatos sociológicos importantes, a representação que os representantes têm a respeito, confrontando várias experiências vividas, o que possibilita, em última instância, uma melhor apreensão do real. Foi com esta preocupação que as histórias de vida foram trabalhadas nesta realidade específica.

Deste modo, entre histórias de vida e fragmentos de histórias de vida, doze mulheres trabalhadoras foram contatadas nas cidades, já mencionadas. Essas mulheres foram escolhidas a partir do nosso conhecimento prévio da realidade, onde, após várias visitas e contatos-chave, optamos, de acordo com os objetivos da pesquisa, por aquelas que eram representativas e com as seguintes diferenciações: mulheres que participam ou não da luta dos trabalhadores e do sindicato, solteiras, casadas, separadas, mães solteiras. Tal diferenciação refletiu, conseqüentemente, nas especificidades de cada caso, nas condições de vida e de moradia das entrevistadas, no tempo disponível para as entrevistas e em suas predisposição para realizá-las.

É necessário não perder de vista as determinantes existentes em pesquisa em ciências sociais, as quais se expressam naquelas

variantes referentes à realidade e reflexos desta nos sujeitos pesquisados. Observamos, que nem sempre, a questão do espaço-tempo permite uma utilização perfeita da técnica da história de vida, caso esta seja tomada de maneira inflexível, a partir das reações das entrevistadas frente à situação de entrevista, assim como das imposições cotidianas sobre estas mulheres em relação aos cuidados com os filhos, tarefas domésticas, condições precárias de moradia, barulho vindo da "casa" dos vizinhos etc.

Desta forma, nem sempre existiram as condições favoráveis para o encaminhamento da entrevista: o pouco tempo disponível pelas entrevistadas, a dificuldade de um ambiente silencioso, entre outros fatores, fez com que fossem privilegiados alguns aspectos das histórias de vida de algumas destas mulheres. O fato também de que algumas mulheres falem pouco e, constrangidas, silenciem ou sejam muito vagas nos seus depoimentos, trouxe a necessidade de introduzir alguns questionamentos mais específicos, privilegiando algumas lembranças, sentimentos e representações, que talvez, na fala puramente livre não aflorassem, dados os contratempos anteriormente expostos.

Tendo como propósito elaborar, através deste texto, uma reflexão acerca da técnica de história de vida, procuramos ponderar

os aspectos vivenciados, tanto no processo de viabilização da pesquisa, quanto no encaminhamento desta nas experiências de campo.

Finalmente, a especificidade da pesquisa em ciências sociais não permite nenhum tipo de inflexibilidade frente ao instrumental metodológico, fazendo-se necessária uma rediscussão permanente acerca deste em sua interlocução com a realidade concreta.

#### V- Algumas Situações Vivenciadas em Campo

Como foram desenvolvidas em parte anterior deste texto as passagens do processo de pesquisa, passaremos agora a um relato que dê conta de fatos empíricos, os quais possam refletir a concreticidade do contexto e situações vivenciadas. Desta forma, serão apresentadas algumas referências à realidade empírica estudada, provenientes, basicamente, de observações diretas, assim como das situações ocorridas na realização das histórias de vida.

Em primeiro lugar, um episódio da pesquisa de campo é lembrado de forma marcante: após um convite para participarmos de uma Folia de Reis realizada na cidade de Barrinha, observamos uma situação bastante instigante acerca das representações vivenciadas

pelos trabalhadores durante esta festa religiosa. Num espaço cedido pela Prefeitura da cidade, realizou-se um almoço que antecedeu o momento da cerimônia, onde foi observada uma explícita divisão sexual do trabalho, na medida em que as mulheres, atuando em conjunto no preparo da comida, diferenciavam-se dos homens que se apresentavam como os verdadeiros detentores dos conhecimentos referentes à Folia, assim como do encaminhamento da festa.

Contudo, embora os homens tenham atuado como componentes principais da Folia e passado a manhã inteira afinando os instrumentos para as toadas, o domínio total do desenrolar da cerimônia fez-se sob orientação do mais velho - mantenedor da tradição e conhecimentos de épocas passadas em que a Folia de Reis era realizada nas fazendas e, onde, mantinham uma forma mais genuína. Através do discurso deste senhor e também das atitudes e comportamentos dos demais, há um contexto de teatralização, numa mistura de fé, respeito à tradição e até mesmo de puro desconhecimento da situação vivenciada, num processo em que haveria uma "idealização" do passado através duma recriação do presente.

Munidas de gravadores, atentas a todos os passos da festa, sentimos uma extrema receptividade e atenção. Ser o "outro" não

era motivo para distanciamento ou obstáculos de nenhuma ordem, muito pelo contrário, abriu-nos as portas da interação e do envolvimento.

Entretanto, muitas diferenciações ocorrem na relação com espaços e situações de pesquisa. Toda a receptividade existente por parte dos sujeitos pesquisados nem sempre se desdobra em outros contextos. Nossa presença no bairro "João de Barro", na cidade de Guariba - onde moram os trabalhadores rurais - trouxe a forte sensação de sermos o "outro". Em algumas de nossas chegadas, quando foi utilizado o carro da Universidade ("chapa branca"), distanciado do padrão comum dos carros que por ali circulam, percebemo-nos deslocadas de tal realidade, a qual é fortemente marcada pelo estigma das greves e pela violência.

Também a nossa mobilidade pelo bairro deu-se de forma ambígua, diferindo, sobremaneira, os momentos em que estávamos sozinhas, daqueles em que as trabalhadoras (entrevistadas) nos acompanhavam. Nesse sentido, é interessante notar que, algumas vezes, estas demonstravam um certo prazer por nos terem em suas companhias, quando em passeios por locais públicos, onde foram observados os aspectos da sociabilidade e lazer que os trabalhadores, de um modo geral, desenvolviam no referido bairro.



Desta forma, nem tudo é antagonismo e nem tudo é proximidade quanto à complexidade do real. Afinal, como afirma Lefebvre (1961) a realidade é dialética e nos traz a dinâmica do possível, e não o definitivo e inflexível das determinações.

Em situações incidentais, participamos também de eventos inesperados, trazendo sempre um rico aproveitamento de tais situações. Em Barrinha, por exemplo, por ocasião de uma reunião promovida pelo grupo de mulheres trabalhadoras rurais, uma ginecologista debateu questões sobre a saúde da mulher. Depoimentos muito interessantes foram ouvidos e expressavam um lado extremamente íntimo e conflituoso de mulheres as quais, embora num espaço coletivo, conseguiram colocar abertamente suas dúvidas, seus receios e medos, seus tabus em relação ao próprio corpo e à sexualidade.

Em outra oportunidade, quando da criação da FERAESP, ou melhor, da sua fundação e votação do seu estatuto, estivemos presentes no intuito de observar a percepção, o entendimento e a expectativa dos trabalhadores em relação ao evento, e por outro lado, ouvir atentamente os discursos das lideranças, para depois, estabelecermos uma relação entre esses dois aspectos que, a princípio, pareceram-nos, por vezes, contraditórios. Éramos dois

pesquisadores e decidimos que um deveria ficar junto às lideranças sindicais e partidárias e o outro junto aos trabalhadores não-lideranças<sup>3</sup>. Tal procedimento foi adotado no sentido de captar, além de elementos específicos de cada lado, a relação entre os dois, ou seja, em que medida, os discursos das lideranças estavam prontamente absorvidos ou não pelos trabalhadores.

A importância destes contatos diferenciados foi-nos fundamental na medida em que, estando ao lado dos trabalhadores o tempo todo, pudemos detectar o quanto muitos deles não estavam acompanhando ou entendendo efetivamente toda a correlação de fatores que implicavam a necessidade de criação de uma nova Federação. Embora alguns destes tivessem plena consciência desta necessidade, outros (a maioria) apenas reproduziam os discursos das lideranças, sem grande compreensão do seu significado, havendo ainda, aqueles que nem isso faziam, apresentando-se durante todo o tempo com muitas dúvidas colocadas em conversas com os próprios trabalhadores ou conosco, porém, nunca de forma questionadora para as próprias lideranças.

---

<sup>3</sup> *Observamos que a equipe de pesquisadores era formada por duas mulheres e um homem, com tarefas específicas.*

Estas ilustrações e passagens da pesquisa de campo mostram que os dados emergiram das mais variadas fontes e situações, colocando a importância de uma interação constante dos pesquisadores com o espaço e os sujeitos pesquisados, e trazendo a possibilidade de percepções maiores e melhor fundamentadas acerca da realidade investigada.

## VI- O Encontro com as mulheres Trabalhadoras Rurais

De um modo geral, as mulheres habitam um ou dois cômodos que ficam em casas ou quintais de terceiros, onde usufruem com outras famílias de um mesmo tanque, varal e banheiro. Mulheres que, na maioria das vezes, são separadas do marido ou companheiros e que, portanto, arcam sozinhas com a manutenção da casa e o sustento dos filhos, por vezes numerosos. Tomam caminhão de turma por volta das 6 horas da manhã, retornando à casa por volta das 17:30 horas, tendo apenas o domingo para as folgas, ou melhor, para dar conta dos afazeres domésticos que se acumularam durante a semana, isso quando não precisam trabalhar também aos domingos. Embora existam casos excepcionais, foi basicamente este quadro que encontramos para

realizar as histórias de vida. Logo, aquelas "condições ótimas" para a realização da entrevista deveriam ser recriadas ou adaptadas a um contexto adverso, pois de outra forma, não se realizariam.

Nesse sentido, as histórias de vida foram feitas aos domingos, na medida em que foi o único dia disponível para tal. Sendo assim, quando da nossa chegada às casas das trabalhadoras já previamente contatadas, praticamente toda a família estava reunida, onde as crianças curiosas e inquietas se destacavam no cenário, fazendo perguntas quase o tempo todo, brincando, correndo de um lado para o outro. Os vizinhos, não menos curiosos, apareciam, vez ou outra para averiguar o que realmente estava acontecendo. Quando não, ligavam seus aparelhos de som em alto volume, acompanhando seus ídolos sertanejos a toda voz. As casas são bastante próximas ou germinadas, ou se tratam de duas ou mais famílias morando numa mesma casa.

Estas foram as condições concretas encontradas na maioria das vezes, condições que, longe se serem ideais, foram as que existiam para o trabalho. A boa vontade das trabalhadoras entrevistadas foi sempre notada, mesmo que não entendendo completamente os nossos propósitos, e levando-se em consideração,

condições tão pouco favoráveis, foram conosco até o fim deste trabalho.

No entanto, foi no ambiente dessas mulheres que a pesquisa desenrolou-se. O fato de falarem de suas vidas, algumas questões íntimas na presença dos filhos ou vizinhos, não se colocavam como problema, pois tal fato não lhes causava nenhum constrangimento. Algumas vezes, na presença das crianças, elas falavam de seus ex-companheiros, chamando-os de "pais irresponsáveis", "vagabundos", que as haviam abandonado em meio a dificuldades, da tentativa fracassada de abortá-las quando grávidas ou, caso tivessem coragem já as teriam dado para terceiros.

Esse movimento do real, marcadamente contraditório, refletiu também na aplicação-adaptação das técnicas e na decorrente reflexão teórico-metodológica.

Assim, neste contexto de contradições, conhecemos mulheres que permitiram, ainda que de maneiras diversas, uma maior abertura referente à sua privacidade, na qual resguardam elementos bastante ricos de experiências e sentimentos.

Nesse sentido, entramos no quarto de D. Francisca, uma senhora de 76 anos, e durante a entrevista, todo o seu envolvimento com a religiosidade foi vivenciado, tomando esta como expressão da

existência frente às dificuldades da vida. Junto a isso, o silêncio de suas lágrimas, decorrentes das lembranças afloradas, permitiu uma situação de profunda interação entre entrevistadora e entrevistada. Toda a importância e o amargor das lembranças e da memória refletiu num desembocar de sua própria intimidade - vivências num momento recobrado e passado ao "outro" de maneira tão sincera. Acima de tudo, uma possibilidade de aprofundamento de questões a partir de tamanha interação e envolvimento.

Esse caso retrata bem aquela questão do "espaço ótimo" trabalhado por Queiroz, somente interrompido com a chegada dos netos da entrevistada, os quais puseram-se a ouvir a gravação. Como já foi mencionado, a necessidade de espaço e privacidade evidencia-se enquanto imperativo no decorrer das entrevistas, tanto por necessidade do entrevistador quanto do entrevistado(a), que neste caso específico, sentiu-se extremamente incomodada com a chegada dos netos, rompendo assim todo aquele depoimento até então, essencialmente sincero e emotivo.

Num outro caso, Ciça, morando com a família num só cômodo em fundos-de-quintal, optou pela realização da entrevista num dos quartos da casa de D. Francisca. Também aí, a presença de familiares ou vizinhos constituiu-se num fator de constrangimento e

a opção por um espaço mais reservado possibilitou-lhe maior discernimento e intimidade com a pesquisadora. Ao mesmo tempo, foi possível obter aí um exemplo da "cumplicidade" estabelecida a curto prazo diante do inédito da situação.

Quanto às histórias de vida consideradas como "ótimas" no tocante ao espaço e à pré-disposição das mulheres em falarem, uma se destacou: trata-se de Tereza, que ao permitir uma aproximação maior no decorrer da entrevista, possibilitou várias visitas à mesma. Como mora sozinha, o silêncio e a privacidade expressaram-se positivamente, facilitando uma recriação ideal das condições necessárias para a realização da história de vida.

Após um primeiro contato travado, a entrevista transcorreu livremente, uma vez que ela discorreu sobre sua vida em seu próprio quarto de forma bastante espontânea durante todos os momentos da gravação, trazendo a reflexão para o espaço privado e, ao mesmo tempo, o fato de não ocorrerem inconvenientes, propiciou, sobremaneira, uma conversa desinibida, a entrevistada demonstrando forte entusiasmo pela própria idéia de gravar. Em virtude dessa situação de espontaneidade e descontração, afloraram, sem nenhum tipo de empecilho, dados referentes à sua sexualidade, demonstrando uma confiança bastante expressiva na relação entrevistadora-

entrevistada. O fato da primeira ser mais jovem, e do ponto de vista da entrevistada, desprovida de experiências, atuou de forma a caracterizar uma situação de troca de vivências e "conselhos", caracterizando também uma relação de amizade, o que se distancia marcadamente do formalismo propagado pelas técnicas tradicionais de pesquisa em Ciências Sociais.

É necessário entender todo esse processo das entrevistas como um desenrolar distinto entre as várias mulheres. Desta forma, deparamo-nos, por vezes, com situações conturbadas em que o medo aflorou, provocando reações das mais diversas referentes à entrevista. Essas sensações devem, contudo, ser relativizadas, pois em algumas vezes, mostram-se contraditórias. O medo de falar, de se expor gera ao mesmo tempo, a necessidade de falar.

Uma outra senhora de 54 anos (ex-trabalhadora rural), mostrou-se no decorrer da entrevista, extremamente perturbada e temerosa pelas proibições do marido e do filho em relação a ela. Misturando revolta à situação de dominação em que vivia, a entrevistada ofereceu um depoimento em que desabafava todos os infortúnios, que até então sentia. Junto a isso, uma necessidade de mostrar fotografias, pertences pessoais, roupas de festa da filha, numa conjugação de desabafo e lembrança, fato que talvez tenha



figurado com uma sessão de "terapia da escuta". Durante a entrevista, destacou-se a extrema preocupação da entrevistada frente à possibilidade do marido ou do filho chegar de surpresa e ouvir seu depoimento, ou melhor, aquilo que, naquele momento, se transfigurava em "denúncia", insatisfação ou revolta, e que se traduzia no interromper quase constante da gravação, para que ela pudesse se certificar de que não estava sendo ouvida.

Por outro lado, o medo do "outro", o medo das consequências da fala provocaram uma recusa por parte de algumas trabalhadoras. Num caso, uma recusa verbal, dissimulada, em que Geralda estando grávida e trabalhando no corte da cana até dias antes do filho nascer, discorria sobre questões pessoais, sem contudo, aceitar uma entrevista.

Em outros dois casos, uma recusa não verbal na qual as mulheres dispuseram-se, prontamente, a fazer as entrevistas, porém, no momento designado não as encontramos em casa, onde foram apresentadas desculpas dos familiares pela ausência delas, ficando clara a "fuga" diante do compromisso anteriormente assumido. É interessante observar, que em nenhum momento, os trabalhadores e trabalhadoras se recusaram em conversar com os pesquisadores. As poucas recusas foram feitas no sentido de se gravar as entrevistas,

ou seja, estabelecer uma relação mais formal na relação pesquisador-pesquisado.

Nestes casos, a observação direta e entrevistas não diretivas foram utilizadas.

Outro fato a ser destacado neste universo empírico, é o caso de uma trabalhadora de Barrinha que, sendo diretora do sindicato, uma das líderes do grupo de mulheres lá constituído e candidata derrotada à vereadora nas eleições de 1988, pelo PT, portanto uma mulher extremamente politizada, permitindo uma imediata e maior aproximação com um dos integrantes da equipe de pesquisadores, por sinal o único homem, também ligado ao PT, facilitando imensamente a realização de sua história de vida por esse pesquisador. Dois fatores destacam-se nesse caso: à princípio, a realização das histórias de vida com as trabalhadoras rurais eram feitas por duas pesquisadoras, dada a facilidade inicial pela igualdade de sexo, o que não se efetivou neste caso. O segundo fator é que nossa postura político-partidária foi raramente explicitada nesses contatos todos, dada a consciência de mantermos, obrigatoriamente, uma ética enquanto pesquisadores, o que, também não foi possível preservar neste caso, dado que ambos- pesquisador e pesquisada - se

encontravam, enquanto militantes, em outros espaços ou instâncias que não aquelas referentes à realidade empírica pesquisada.

Ressalta-se também o caso de Nilza, assídua frequentadora de um bar vizinho de sua casa, em Guariba. Como era extremamente interessante para a pesquisa captar todo o contexto desta situação, ou seja, mulheres frequentando "normalmente" os bares, algumas vezes, uma de nós esteve com esta trabalhadora neste local onde foi possível iniciar sua história de vida. Tal espaço, bastante *sui generis*, transformou-se num cenário bastante representativo para esta história de vida em particular, pois, no momento em que os aspectos relativos às questões íntimas, a entrevistada preferiu continuar na "privacidade" da sala-cozinha de sua casa, que só não se constituiu num espaço totalmente privado, porque em alguns momentos a dona do bar, ou outras de suas amigas que o frequentavam, apareciam com uma garrafa de cerveja e um prato de salgados.

Extremamente não ortodoxa foi a realização de dois fragmentos de história de vida feitos numa igreja em Santa Ernestina. Tal fato ocorreu a partir de uma relação bastante próxima das mulheres com o padre da paróquia e também, como consequência, de um contratempo que resultou na única

possibilidade, naquele momento, de ocuparmos as dependências da igreja para a realização das entrevistas.

Deste episódio ficou, por um lado, o fato de que não estando na casa das trabalhadoras, não foram, conseqüentemente, observadas mais de perto suas condições de vida, relações familiares, etc., aspectos sempre captados para a realização do diário de campo, os quais contribuem positivamente para uma melhor contextualização das histórias de vida. Contudo, foi constatado o quão à vontade as trabalhadoras se mostraram naquele espaço, propiciando entrevistas muito ricas de detalhes. Tais depoimentos traduziram-se, em alguns momentos, numa "confissão simbólica", na qual, refletindo consigo mesmas, as entrevistadas iam a fundo nos seus sentimentos, nas suas emoções, nas suas vivências... Foi a partir deste aspecto positivo que o espaço foi considerado, senão "ideal", pelo menos o possível, dadas as condições reais existentes.

Em relação às histórias de vida e observações acerca do tempo-espaço ótimo para a realização das entrevistas, e todos os demais aspectos abordados, atentamos o vai-e-vem do movimento contraditório da pesquisa empírica (reflexo da realidade), em que ora afloram situações de receios, medos ou constrangimentos, ora situações de extrema abertura, descontração e discernimento.

Deste modo, a pesquisa empírica coloca, às vezes, situações inusitadas que, por mais que tenham havido preparo para o trabalho de campo, surgem de forma inesperada, desafiando sobremaneira a criatividade, os conhecimentos e a capacidade de improviso dos(as) pesquisadores(as). Estas situações acabam por se traduzir em momentos de extrema riqueza para a reflexão da metodologia e técnicas de pesquisa com o objetivo de acrescentar contribuições ao trabalho empírico e também às discussões teóricas que fundamentam tal trabalho.

Outrossim, a relação pesquisador-sujeito pesquisado deve ser destacada, onde o primeiro figura como o "outro", e desta forma, procurando situar tal relação, tendo em vista o respeito às diferenças, na medida em que elas existem de fato, portanto, não podem ser mascaradas nem tampouco evidenciadas. Assim sendo, nos objetivos do nosso trabalho, foram sendo dimensionados o conhecimento e a compreensão do universo daqueles que nos vêm como "diferentes", por vezes "estranhos", levando-se em consideração e relativizando exatamente este aspecto. Entretanto, nem sempre ser considerado o "outro" significa ser considerado o inimigo ou o desigual. Ser diferente não significa necessariamente, ser desigual.

Por ocasião da greve dos trabalhadores assalariados rurais ligados à FERAESP no início da safra de cana de 1989, a presença dos pesquisadores neste acontecimento foi considerada importante, pois seria de grande valia, dada oportunidade de observar a presença de mulheres no movimento grevista, a organização dos trabalhadores, a postura destes em relação aos sindicatos recém-filiados à nova Federação, enfim, observar o movimento grevista no seu momento vivo. Presenciamos os piquetes, as reuniões de lideranças, as passeatas e as panfletagens, o que nos propiciou também observar o papel desempenhado pelos mediadores como o padre da igreja local, os agentes da FASE, sindicalistas de outras categorias de trabalhadores, políticos e algumas das lideranças da CUT-estadual, além da postura assumida pelos usineiros, empreiteiros, o prefeito local e a polícia.

Em virtude do relacionamento com os sindicalistas e com as trabalhadoras rurais bastante atuantes em greves, colocamos-nos ao lado destes durante o movimento, para que pudessemos ouvir seus discursos, suas conversas paralelas nas rodinhas e também acompanhar suas atitudes, seus gestos, por fim, captar como que naquele momento específico, caracterizavam-se as relações de gênero e as relações de classe.

Num dado momento, a partir da criação de formas alternativas por parte dos usineiros e empreiteiros com o objetivo de fazer os trabalhadores não grevistas "furar" os piquetes, o clima foi ficando cada vez mais tenso. Nesse momento específico, uma das trabalhadoras, liderança na greve, solicitou da pesquisadora que se encontrava próxima, que se juntasse aos trabalhadores em um dos locais de piquete. O que fazer? O que decidir? Onde está escrito que um pesquisador deve deixar seu papel de expectador-observador, mesmo por um momento, e passar para a atuação-participação na vida e nos problemas vivenciados pelos pesquisados? Tal fato, extremamente inusitado, foi de difícil solução do ponto de vista metodológico de pesquisa, principalmente pelo fato de ser resolvido em poucos segundos. Enfim, falou mais alto o espírito de solidariedade. No entanto, naquele momento de greve, a ânsia de que um pouco de justiça fosse feita frente à exploração, por melhores condições de vida e de trabalho, tomou conta da situação e passou a guiar nossas ações como participantes do movimento ao lado dos trabalhadores. Neste ponto, a pesquisa transformou-se em práxis.

## VII- A Saída de Campo: laços e desenlaces

O término do trabalho de pesquisa de campo traz sempre um incômodo sentimento de angústia e importância que, aliás, acompanha todo o desenrolar do trabalho.

Na verdade, o fato é que a pesquisa em ciências sociais coloca-nos, na maioria das vezes, em contato com realidades perpassadas pela miséria, pela exploração, pela injustiça social, enfim, pela negação da cidadania desses sujeitos - fonte principal de nossas investigações - que nos fazem questionar, juntamente com eles, afinal, para que serve uma pesquisa?

A urgência de solução para seus problemas sócio-econômicos permite que estes sujeitos coloquem os pesquisadores na berlinda, ou seja, a forma como somos cobrados no sentido de apresentar respostas, soluções para seus dramas pessoais e sociais, somam-se às cobranças que fazemos a nós mesmos. Afinal, a realidade social não é constituída de "sujeitos observados". Eles não foram abordados enquanto objetos, mas enquanto sujeitos.

Evidentemente a saída para tamanha inquietação e insistente cobrança feita por estes sujeitos é fundamentalmente política. Por



outro lado, a Universidade pode e deve desempenhar um papel muito importante, tendo em vista a extensão dos serviços à comunidade, por exemplo, que deverá se constituir, numa das prioridades de todo o trabalho desenvolvido nesta instituição. É um trabalho que exige um compromisso individual, coletivo e institucional.

Há também que se considerar os laços subjetivos estabelecidos, ou seja, o afeto, a amizade, o carinho surgidos a partir de complexa e rica relação entre pesquisador e pesquisado, o que nos permitiu voltar a visitar estes trabalhadores em outras oportunidades fora da pesquisa, fato, no nosso entender, extremamente positivo sob vários aspectos.

Desta forma, foi concluído mais um trabalho de pesquisa com trabalhadores e trabalhadoras da cana e da laranja, não como "objetos coisificados" de pesquisa, mas como sujeitos de sua própria história, como mulheres e homens sofridos, respeitados e admirados, passando por muitas necessidades e dificuldades, mas cheios de dignidade e esperança numa vida melhor.

Este trabalho de campo permitiu, a partir das mais variadas experiências, a exposição de um terreno com poucas certezas, muitas dúvidas e um longo caminho a ser percorrido.

Assim, estruturaram-se as condições reais para a realização dessa pesquisa, onde a situação ideal e o espaço ideal foram buscados e encontrados dentro de um universo de possíveis, assentados em bases reais e concretas.

### **Bibliografia**

LEFEBVRE, H. Critique de la vie quotidienne. vol.II. L'arche Editeur, Paris, 1961.

SILVA, M.A.M. "As Cidades dos Bóias-Frias. O desdobramento do Poder da Empresa". In: Travessia, C.E.M., ano VI, n.15, janeiro/abril 1993.